



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ORALIDADE E ENSINO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PROMOVEM  
SUJEITOS ATIVOS EM SOCIEDADE**

**NATANNA NAOMY DE ANDRADE**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB  
2022**

**NATANNA NAOMY DE ANDRADE**

**ORALIDADE E ENSINO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PROMOVEM  
SUJEITOS ATIVOS EM SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Esp. Vanessa Narel Pereira de Souza

**CATOLÉ DO ROCHA-PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553o Andrade, Natanna Naomy de.  
Oralidade e ensino: práticas pedagógicas que promovem sujeitos ativos em sociedade [manuscrito] / Natanna Naomy de Andrade. - 2022.  
31 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.  
"Orientação : Profa. Esp. Vanessa Narel Pereira de Souza, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Língua Portuguesa. 2. Oralidade. 3. Ensino. 4. Variedades Linguísticas. I. Título  
  
21. ed. CDD 410.7

**NATANNA NAOMY DE ANDRADE**

**ORALIDADE E ENSINO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PROMOVEM  
SUJEITOS ATIVOS EM SOCIEDADE**

Aprovado em 01 de abril de 2022

**Banca Examinadora**

*Vanessa Narel Pereira de Souza*

---

Prof.<sup>a</sup>. Esp. Vanessa Narel Pereira de Souza  
Orientadora - UEPB/Campus IV

*Fábio Pereira Figueiredo*

---

Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo - UEPB/Campus IV  
Examinador

*Rômulo César Araújo Lima*

---

Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima - UEPB/Campus IV  
Examinador

**CATOLÉ DO ROCHA-PB**

**2022**

Dedico este trabalho a Deus que sempre foi o meu escudo e a minha fortaleza!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por todo o cuidado e proteção para comigo, principalmente pela paciência em suportar meu estresse e minhas murmurações, sendo assim, esse trabalho é dele e unicamente DELE, que seja para maior honra e glória de Deus. Sou grata também a Maria Santíssima por ouvir minhas orações e a Santa Terezinha pelo auxílio que me ofereceu durante este percurso.

Segundamente, obrigada aos meus pais por sempre terem feito o possível e o impossível para me dar o melhor. Agradeço pela luta que tiveram para me manter no caminho da educação e por me oferecer a oportunidade de uma condição de vida melhor. Por fim, agradeço a orientadora por ter tido paciência em corrigir meus erros e a dedicação em sempre estar tirando minhas dúvidas. Sou grata também aos examinadores que aceitaram estar presentes na banca.

A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.

*Marcos Bagno*

## RESUMO

Trabalhar a língua portuguesa em sala de aula, sem manter o foco somente na gramática, é um desafio a ser superado, pois apesar dos alunos terem contato frequente com as regras, apresentam dificuldades na fala e na escrita, ou seja, não há um aprendizado favorável e isso reflete na fase adulta, pois continuam a mostrar impedimentos ao que diz respeito a demandas orais e ao discurso social. Pensando nisso, surgiu a ideia de pesquisar sobre oralidade e ensino: práticas pedagógicas que promovem sujeitos ativos em sociedade. Desse modo, este trabalho tem por objetivo apresentar reflexões teóricas e metodológicas para o ensino da oralidade como prática social discursiva. Portanto, é preciso discorrer sobre as consequências geradas por um ensino de língua portuguesa centrado nas normas gramaticais, argumentar acerca do ensino da oralidade baseado no uso real da língua e expor reflexões sobre a oralidade como prática social discursiva. Realiza-se então, uma pesquisa do tipo bibliográfica, com análise qualitativa, utilizando-se de livros e periódicos para fazer a abordagem. Para expor o tema foi utilizado por base teórica os seguintes autores: Bagno (1999), Antunes (2007), Ferrarezi (2014), Carvalho (2018). Centrando-se nas análises feitas, conclui-se que quando a oralidade é trabalhada há um desenvolvimento do estudante no que diz respeito ao aprendizado da língua materna para então atender as exigências da vida em sociedade, e quando o ensino de língua portuguesa é trabalhado de maneira consciente são fortalecidas habilidades como: ouvir, falar, ler e escrever.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa; Oralidade; Ensino.



## **ABSTRACT**

To work the Portuguese language in the classroom, without keeping focus only on grammar, it is a challenge to be overcome, because despite the students having frequent contact with the rules, shows difficulties in speaking and writing, that is, there is no favorable learning and this is reflected in adulthood, as they continue to show impediments with regard to oral demands and social discourse. Thinking about that, the idea of researching about orality and teaching came up: pedagogical practices that promote active subjects in society. Thus, this work aims to present theoretical and methodological reflections for the teaching of orality as a discursive social practice. Therefore, it is necessary to discuss the consequences generated by a Portuguese language teaching centered on grammatical norms, argue about the teaching of orality based on the real use of the language and expose reflections on orality as a discursive social practice. A bibliographical research is carried out, with qualitative analysis, using books and periodicals to make the approach. To expose the theme, the following authors were used as a theoretical basis: Bagno (1999), Antunes (2007), Ferrarezi (2014), Carvalho (2018). Focusing on the analysis made, it is concluded that when the orality is worked there is a student development with regard to the learning of the mother tongue to then meet the demands of life in society, and when the teaching of Portuguese language is worked consciously, skills such as listening, speaking, reading and writing are strengthened.

**Keywords:** Portuguese language; Orality; Teaching.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE.....</b>                                   | <b>11</b> |
| <b>2.1 POR UM ENSINO REFLEXIVO DA GRAMÁTICA NORMATIVA.....</b>                              | <b>11</b> |
| <b>2.2 VARIEDADES LINGUÍSTICAS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DA GRAMÁTICA.....</b>    | <b>15</b> |
| <b>3 OS DOCUMENTOS OFICIAIS E UM ENSINO PRODUTIVO DA GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b> | <b>20</b> |
| <b>3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL .....</b>                | <b>20</b> |
| <b>3.2 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>                    | <b>24</b> |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>28</b> |
| <b>5 REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>30</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Pensando nas necessidades que os jovens apresentam durante a fase adulta ao que diz respeito às exigências sociais, surgiu a ideia de argumentar sobre tal fato, de forma a discutir alguns equívocos que ocorrem em sala de aula, em relação ao ensino da língua materna com foco na gramática, ou seja, debater o porquê esse problema acontece. Depois é preciso apontar falhas que conduzem o aluno a mostrar dificuldades em seu desenvolvimento social e também compreender os obstáculos que os impedem de manifestar uma melhor comunicação verbal. Então, é preciso estudar e pesquisar sobre o tema *Oralidade e ensino: práticas pedagógicas que promovem sujeitos ativos em sociedade* para entender como essas questões se tornam tão frequentes em sala de aula, e também buscar por meios que possam suprir tais questões.

Portanto, o objetivo desse trabalho é apresentar reflexões teóricas e metodológicas para o ensino da oralidade como prática social discursiva. Serão apontadas as consequências que surgem a partir das metodologias ultrapassadas em sala de aula, ao que diz respeito as aulas de língua portuguesa, que normalmente são centradas nas normas gramaticais e por mais que o docente acredite estar contribuindo e somando para o aprendizado dos seus alunos com essas várias práticas errôneas que ainda vagam no meio escolar como “fantasmas metodológicos gramaticais”, é possível notar que causam constrangimento e até mesmo a raiva por parte dos discentes em relação à matéria, e também com a própria língua materna que é o português.

É preciso discutir cada uma dessas questões de forma clara e abordar esses erros e suas consequências na vida escolar e no futuro desses alunos. Por isso, observou-se a necessidade de discorrer sobre as consequências geradas por um ensino de língua portuguesa centrado nas normas gramaticais, e apesar de vivermos em um mundo avançado tecnologicamente, a cabeça do ser humano muitas vezes ainda está presa no passado em relação a metodologias ultrapassadas, logo existe uma barreira a ser quebrada. Sendo assim, é preciso argumentar acerca do ensino da oralidade baseando-se no uso real da língua materna, e para que essas barreiras sejam quebradas é necessário expor reflexões acerca da oralidade como prática social discursiva. Tudo isso, significa ultrapassar

os limites gramaticais, principalmente ao que diz respeito romper com preconceitos que permeiam a fala.

Depois de ver que tais fatos absurdos ainda existem, é necessário apresentar a oralidade, pois com a falta dela é possível enxergar que algumas escolas ainda estão formando pessoas, que muitas vezes não são tímidas, porém se calam por medo de serem humilhadas pelo docente, é visível que tiveram sua oralidade, identidade e seu modo de expressão barrados e calados de forma violenta, assim tornam-se seres não sociais, mostrando que são incapazes de se desenvolverem totalmente. Mas, para que aconteça uma mudança é importante levar em consideração práticas pedagógicas que tenham sido pensadas para agir nessas questões, técnicas que levem o aluno a colocar a oralidade de forma ativa e sem medo, onde eles poderão estar se desenvolvendo mutuamente e cognitivamente para assim se tornarem sujeitos ativos e críticos em sociedade.

Esse trabalho foi dividido por capítulos, contendo tópicos e subtópicos, para aprimorar a construção dos argumentos expostos. O primeiro capítulo trata sobre o ensino da língua portuguesa na atualidade, elencando tanto os pontos positivos como os negativos. Dessa forma, mostrando caminhos que apontem para um ensino da gramática que seja reflexivo e de fato trabalhe a língua como um todo sem separá-la de um detalhe muito importante que são as variações linguísticas, que é um ponto de partida para trabalhar a oralidade em sala de aula.

Já o segundo capítulo traz os documentos oficiais (BNCC e PCN) como base para um ensino produtivo da gramática na educação básica, logo seguindo por esse percurso, que traz a oralidade como um dos pontos fundamentais, mostra que a língua portuguesa, se ensinada corretamente, pode ser utilizada como uma ferramenta de transformação social, além disso, traz algumas propostas pedagógicas que levam o aluno a desenvolver essas habilidades sociais através das aulas de língua materna. E por fim, as considerações finais são noções observadas a partir de cada argumento exposto, sendo elas os resultados obtidos a partir de cada um deles.

Dessa maneira, o tipo de pesquisa aplicado ao trabalho foi a bibliográfica com abordagem qualitativa, utilizando-se de livros e periódicos para fazer a análise. Logo, foi preciso recorrer a alguns autores para então fortalecer as reflexões e os argumentos aqui expostos. São eles: Bagno (1999), Antunes (2007), Ferrarezi (2014), Carvalho (2018). Com essa investigação, fica evidente que quando a

oralidade é trabalhada o aluno pode então se desenvolver em relação ao aprendizado da língua materna e assim atender as exigências da vida em sociedade. Quando o ensino da língua portuguesa é trabalhado de forma consciente, então as habilidades de escrita, audição, fala e leitura são fortalecidas e ampliadas.

## **2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE**

Em um primeiro momento será apontado os erros que podem ocorrer com o ensino onde o foco é somente a gramática, também é uma oportunidade para se refletir as consequências geradas a partir desse ensino. Depois, pode-se então discutir e mostrar a oralidade e o uso do fator linguístico, que são os diferentes eixos do sistema da língua que se apresentarão dentro do texto, como alternativa, para assim construir um aprendizado amplo ao qual se faça presente as variedades linguísticas.

### **2.1 POR UM ENSINO REFLEXIVO DA GRAMÁTICA NORMATIVA**

Para que de fato possa existir um ensino reflexivo em relação à gramática é necessário que a parte principal seja levada em consideração: o aluno. Ele deve ser o ponto de partida, ou seja, é preciso que os responsáveis por trás de todo o planejamento estudantil considerem as necessidades que possam ser apresentadas por parte de cada um desses estudantes em sala de aula; e isto implica dizer que o contexto e o saber geral que o aluno traz consigo importa muito, principalmente quando ele é o centro e a razão pela qual a escola deve existir.

As escolas não podem negligenciar o ensino da gramática, mas também não é certo querer mostrar para o aluno uma “falsa ideia” do que seja de fato a língua portuguesa, como se o estudo da mesma fosse apenas focado em regras. É necessário que haja um estudo consciente, onde seja abordado de forma clara e ampla outros aspectos que diz respeito ao quesito “língua” e o “sujeito social”. Dessa maneira, o professor e os alunos devem ter contato com o que de fato representa o estudo de língua portuguesa, que seriam as práticas orais.

Nesse caso, quando paramos para observar o que de fato acontece na maioria das escolas brasileiras é que existe uma “prisão invisível” onde todos devem

seguir a mesma regra. O professor é colocado lá dentro, muitas vezes com uma enorme vontade de ensinar tudo o que aprendeu, pois de fato a língua portuguesa é ampla, e sendo ela muito rica, tem bastante conteúdo a ser abordado em sala de aula, no entanto, o que é imposto aos professores é apenas uma pequena parte da língua portuguesa; a gramática normativa, que não chega a representar nem a metade do que seria essa língua tão rica.

Claro que para os falantes da língua materna, que não conhecem e não estão acostumados com a formalidade das regras apresentadas, simplesmente a desconhecem. De fato, é como se fosse uma língua estrangeira, para pessoas com baixo nível de escolaridade, chega a ser constrangedor. Para os estudantes que ali estão presentes a situação não é diferente, pois se eles estão acostumados a falar usando a informalidade da língua e as variações linguísticas no meio ao qual vivem, logo um ensino e metodologias que são mal planejadas não vão funcionar dentro de uma sala de aula.

Portanto, levando em consideração as pessoas a serem ensinadas e o próprio professor, pois ele também é importante, se trata do trabalho e da experiência e conhecimento que o mesmo tem a oferecer, então é necessário que haja, segundo Irandé Antunes “uma educação linguística que se concentre no que é relevante para a formação humana e intelectual dessas pessoas [...]” (2007, p. 13), ou seja, a escola não deve vir a mascarar a língua portuguesa, baseando o estudo dela em regras que levem os estudantes a pensarem que só poderão escrever, falar, ler e ter uma boa posição social se dominarem a língua materna através da gramática, isso é um erro.

Seria uma contradição, pois na cabeça do aluno apenas irá passar a seguinte interrogação: — “Para que isso irá me servir? Onde e quando irei usar essas regras?” — O que na verdade acontece dentro das escolas, é simplesmente uma “negação de consciências e do verdadeiro ‘eu’ de cada educando”, é um crime absurdo que a gestão escolar comete ao querer impor e resumir o aprendizado do português apenas em torno das regras; é olhar para o estudante e dizer que ele não importa, que ele não poderá ser ninguém na vida sem o domínio daquelas regras e o pior; é olhar para cada aluno brasileiro fluente na língua materna e mesmo assim querer dizer na cara deles: — vocês não sabem falar língua portuguesa!

Na verdade, é como se existisse uma confusão na cabeça do aluno; assim há uma mistura de linguagem, regras, vocabulário, língua e outras coisas. Logo, o

discente passa a acreditar na ideia citada acima e que estudar língua portuguesa é “chato” e claro, é uma perda de tempo. Isso contribui ainda mais para que eles se tornem adultos frustrados acreditando nessas questões e fazendo seus filhos seguirem pelo mesmo caminho, ou seja, fazendo-os crer que mesmo sendo chato, é necessário estudar as regras para que eles sejam “alguém na vida”. No entanto, o que mais é esquecido nessa história toda é que a língua está viva, portanto, segue em constante evolução, assim atravessando todos os ambientes, inclusive acompanhando todos os falantes em qualquer situação e assunto na qual estejam falando. O que de fato muda é o modo como ela é empregada, e é aqui onde começa ou deveria começar o ensino reflexivo da gramática normativa.

E o que seria esse ensino reflexivo? Bom, primeiramente é preciso que haja uma conscientização por parte das escolas, onde eles iriam de fato começar a incentivar os professores a saírem da mentalidade do “mais fácil”, que seria o desapego das atividades prontas que estão nos livros didáticos, e correr atrás daquilo que de fato vai agregar em sala de aula: o fator linguístico. E por que tudo isso? Porque para alguns professores é mais fácil jogar as regras e atividades prontas, simplesmente para que eles não tenham trabalho algum, mas mesmo assim ainda levem o mérito de um “bom” trabalho feito.

Se todas as aulas de língua materna tivessem esse fator linguístico abordado, então boa parte dos alunos não se cansariam e nem acabariam se afastando da língua portuguesa, o que seria resultado do desprazer pelo português, pois ela poderia ser de fato apresentada para eles como realmente se mostra presente no dia a dia de cada um, ou seja, como os jovens a conhecem, e com o real contato que eles têm em relação à língua que falam. Dessa maneira, os estudantes não iriam olhar para as aulas de português como se olhassem para uma língua estrangeira ou como se não a entendesse. Portanto, é como diz Antunes: “Seria muito mais proveitoso que se propusesse um novo olhar sobre a língua, outra ótica, outro foco, menos rígido, menos montado no critério da correção, que tudo vê como erro gramatical” (Irandé Antunes, 2007, p. 101). Sendo assim, essas aulas seriam mais proveitosas e mais interessantes.

Além disso, existem muitas razões para adotar esse novo sistema de ensino, uma delas, de forma positiva, seria que o estudante iria parar de se confundir, ou seja, o famoso ponto de interrogação: — “Para que isso irá me servir?” — Simplesmente vai desaparecer, e olhando por outro lado, as pessoas analfabetas ou

até mesmo os alunos que vem de famílias que tiveram pouca ou nenhuma condição de estudo, não irão sentir vergonha pela maneira como falam. Em si, o próprio aluno já não irá mais se sentir envergonhado em sala de aula quando a questão for oralizar, pois as aulas estarão mais próximas da vasta variedade linguística que o português apresenta.

Desse modo, é preciso que haja uma flexibilidade no ensino, onde ele vai de fato abraçar a língua com todas essas questões sociais, e quando se fala em social, quer dizer que se deve abarcar não somente a norma que conhecemos, a que socialmente tem prestígio por ser bela e culta, mas levar em consideração todos as formas de fala existentes, as quais todas são legitimamente corretas simplesmente por que todas fazem parte do mesmo idioma e todos os falantes da língua portuguesa são capazes de se compreender ao fazerem uso de qualquer um desses falares. É preciso limpar com urgência a “maquiagem” que colocam na língua portuguesa reduzindo-a apenas a pequenas regras e classificações; é necessário que sejam excluídos das salas de aula o falso pensamento manipulador de que a gramática representa a língua portuguesa como um todo, e que só assim é possível conhecer o idioma que se fala. Não! Isso é mentira, claro que a gramática e todas as suas regras fazem sim parte, mas não se pode apenas falar que língua portuguesa é somente isso.

Não dá para excluir a gramática, e nem se deve. Mas é preciso que haja uma mudança no padrão de ensino, ou seja, unir o útil ao agradável, dar sentido para essas aulas, buscando a oralidade, com o apoio de textos, onde esses textos sejam discutidos e suas temáticas abordadas em sala de aula e em rodas de conversa. Unindo a oralidade as aulas de gramática, então o professor estará trabalhando as quatro competências básicas: escrita, fala, a leitura e o ouvir dos alunos, assim os estudantes não irão se cansar e nem achar as aulas de língua portuguesa chatas e cansativas, pois se não houver uma mudança, vai parecer que ao mesmo tempo que começam nunca terminam, de modo que, devido as aulas serem baseadas em regras, para o discente será evidente que a língua falada é somente fundamentada em regras infinitas.

E claro que não será produtivo e nem positivo, pois o que ficará evidente serão somente as consequências, logo uma simples sensação de que não se está aprendendo absolutamente nada. Por outro lado, a oralidade é a questão principal, onde se pega um fenômeno do cotidiano dos alunos e os envolve a estas aulas junto



ao texto. Nesse caso, o texto é a escolha mais evidente a se fazer, ele é de fato a questão central de tudo o que foi abordado; isso porque ele é trabalhado de forma oral, onde os alunos precisarão fazer uso da fala, ou seja, eles serão envolvidos na aula naturalmente e se comunicando uns com os outros de forma produtiva, trocando conhecimentos que serão facilitados a partir dessa proximidade proporcionada pela oralidade.

Ao escolher o texto como a opção para a aula de língua materna, muda-se o foco de toda a questão para o fator linguístico, assim englobando de verdade o que seria a língua portuguesa, então durante essas aulas naturalmente fica evidente a ideia do que significa falar e escrever corretamente conforme a norma linguisticamente válida, ou seja, iria ocorrer uma incorporação no modo de falar e escrever dos alunos. Isso acontece devido às competências discursivas, textuais e lexicais as quais o professor deve auxiliar durante a leitura do texto, em uma roda de discussão, apontando esses detalhes e fatores da língua. Tudo isso traria e abriria espaço para analisar o que foi destacado para então, dentro desse foco linguístico, trazer esse ensino reflexivo com base nessas questões que são mais voltadas para a linguística.

## **2.2 VARIEDADES LINGUÍSTICAS COMO PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA**

Primeiramente é necessário deixar claro que para que isso possa acontecer, é preciso que a escola se abra para as diferenças e deixe de lado o preconceito instaurado durante décadas e que ainda prevalece na questão que português correto está centrado naquilo que é mantido pelas regras, para que então possa levar em consideração outras áreas da língua materna, como por exemplo, as variedades linguísticas, e então a partir daqui abrem-se vários meios de ensino, de modo que seja respeitoso para com a variação linguística apresentada na fala de cada discente em sala de aula, assim também abrindo espaço para a oralidade, dessa forma, permitindo o ensino da gramática de modo que seja proveitoso para ambos os lados.

Durante muito tempo o que temos visto e presenciado é a sombra do passado que vem se repetindo nas salas de aulas; antigamente só quem tinha o direito de

estudar eram as pessoas que faziam parte da classe dominante, ou seja, a elite. E claro, nessas aulas o que era ensinado aos alunos eram as regras do português, elas faziam parte do cotidiano desses jovens e eles estavam acostumados a utilizá-las em suas falas nas situações mais banais possíveis. Outro ponto fundamental que não se pode deixar de mencionar, é o fato de que essa era a língua de prestígio ao qual eles dominavam, era o português gramaticalmente correto, que era a base para entender como o *latim* funcionava.

Mas, o tempo, a época, as pessoas, todos esses pontos estão em constante evolução, e algo que funcionava no passado iria deixar de funcionar mais cedo ou mais tarde, como é o caso desse ensino retrógrado que tem todo o direcionamento voltado para as regras gramaticais. E uma prova disso é que o ensino que era proposto antigamente foi baseado nas necessidades das pessoas da elite; e porque não basear esse ensino nas necessidades dos alunos da época a qual vivemos? Hoje o estudo da língua portuguesa é oferecido a pessoas de todas as classes sociais, sendo assim, a diversidade linguística está presente das mais variadas formas em todas as salas de aula e escolas. Esses alunos estão acostumados com um português diferenciado no dia a dia, e quando chegam à escola, eles simplesmente têm um choque, e não é somente algo cultural, mas é um choque de língua, porque algo “novo” lhes é apresentado e até mesmo negado.

Sim, é negado o direito livre de expressão linguística a todos aqueles que fazem uso das variações e não da norma padrão culta. Mas o que é de fato a língua portuguesa de verdade e como um todo, se não justamente a inclusão dessas diversificações, das pessoas com seus falares e suas expressões próprias? Até hoje, algumas escolas dizem não a todas as diferentes expressões linguísticas que estão fora da norma padrão, matam a oralidade em sala de aula, e o professor vai seguindo a fio as regras sem ao menos questionar, e às vezes é o primeiro a barrar o aluno, envergonhando e corrigindo diante dos outros estudantes, quando ele fala algo que não corresponde à norma culta.

Nem a escola e nem mesmo o professor tem esse direito, porque isso seria um crime. Como já dizia o Celso Ferrarezi Jr. “Silenciar a boca, a pena, os ouvidos e a mente, é um crime contra a vida. Fazer crer que a ordem traz o silêncio é um atentado contra a humanidade”. (2014, p. 15). Isso tudo porque quando um aluno chega à sala de aula com sua “bagagem linguística” a única coisa que acontece para com ele é o incentivo ao silêncio, pois se aquele estudante não tiver nada de

importante para falar e que venha a acrescentar na aula é melhor que fique calado, pois assim ele será visto como um “bom aluno”, caso contrário, será um péssimo aluno, com notas baixas e visto como alguém que de fato não consegue aprender língua portuguesa e muito menos as quatro habilidades fundamentais da comunicação, que são: falar, escrever, ler e ouvir.

O que permanece com força em muitas salas de aula é a ideia de que esse silêncio observador e que mata consciências por falta de barulho, é justamente a base que levam muitos a crer na ideia de que assim se faz um bom aluno nota dez, que é apenas observando que se aprende ler, escrever, ouvir e falar; mas na verdade se não tiver o incentivo à leitura, a oralidade, como alguém aprenderá a ler ou até mesmo escrever? E se esses alunos não tiverem a oportunidade de se expressarem como bem sabem, como irão aprender a falar e ouvir? Sendo que, nenhuma dessas competências pode ser isolada uma das outras, pois estão todas interligadas. Não dá para aprender a ler sem falar, assim como alguém não pode aprender a falar sem ouvir ou escrever sem ler; é simplesmente impossível.

É por estas razões que esse ensino “antiquado” precisa ser barrado, pois os pais estão enviando seus filhos para as escolas acreditando de fato que eles estão aprendendo língua portuguesa, quando na verdade estão tendo suas consciências mortas, aprendendo a se tornarem adultos silenciosos, e provavelmente não serão sujeitos ativos em sociedade. Todos esses fatores que vem de uma metodologia antiga e que contribuem para tornar a sociedade mais silenciosa, principalmente quando a questão é se colocar em evidência defendendo seu ponto de vista de forma oral. Tudo isso são resquícios do ensino ofertado a gerações passadas, que hoje em dia acaba gerando consequências, e isso mais do que aprendizado.

Esse ensino que antes deu certo, e na verdade funcionava para pessoas que permaneciam em silêncio por incentivo dos estudos religiosos nos templos, era o efeito da oração e contemplação, que não pode ser aplicado nas aulas de língua materna, pois essas aulas exigem que se faça o uso da oralidade; que é um fundamento base que está sendo morto e esquecido dia após dia, pois tanto os professores quanto os pais estão cobrando um boletim com notas entre oito e dez (8,0 e 10,0). E isso ocorre da seguinte maneira: — O aluno recebe um incentivo sempre que tira notas boas, sendo presenteado pelos pais, ou tornando-se destaque em sala de aula, recebendo elogios do professor. E a segunda opção seria a

consequência, o outro lado, caso ele tire notas baixas. Assim, um bom aluno seria aquele que:

Na verdade, ser um bom aluno era resultado de uma fórmula relativamente simples. A gente não tinha que fazer muito esforço para tirar nota máxima de comportamento geral, a não ser aquele já costumeiro esforço da mortificação a que estávamos acostumados, habituados desde que entramos na escola. (Ferrarezi, 2014, p. 25).

Muitas vezes o estudante vira motivo de riso entre os colegas, o professor despreza e os pais castigam. Portanto, o que o aluno escolhe é a primeira opção, onde ele cala em sala de aula, mortificando a boca, e apenas “copia e cola” todo o conteúdo que o professor apresenta, sem ao menos questionar e sem aprender absolutamente nada, porque afinal, o que estão ensinando, sem ao menos perceberem, é a influência em fazer com que o estudante se importe mais com o resultado, que seria a nota, do que com o que é mais importante, ou seja, o aprendizado. Como consequência visível o aluno se torna uma espécie de “máquina copidora”, apenas fazendo cópia do que o professor fala sem se posicionar e nem contestar.

Então, para que aconteça um ensino e um aprendizado de língua portuguesa que seja adequado e que se faça capaz de sanar as necessidades dos estudantes da atualidade, seria a introdução de um ensino baseado na oralidade. Dessa forma, ficaria evidente tanto para os alunos como para o professor, que não é preciso aprender algo como se não soubesse, pois a língua materna é algo que já está dentro de cada falante nativo. Este aprendizado começou no aparelho fonador e continua a ocorrer no contexto no qual o aluno está inserido, sendo assim é algo que acrescenta a bagagem linguística cultural de cada um.

É necessário que a escola seja capaz de romper com cada preconceito existente em relação à variedade linguística, para não acabar impondo as regras de forma que leve o estudante a gerar um preconceito com a fala de outrem, pois a oralidade não deve ser negada a nenhum aluno por se tratar da sua identidade pessoal, cultural e social. Levar o discente a aderir o silêncio seria o mesmo que condená-lo, assim rejeitando quem ele é por não saber usar as regras gramaticais de forma correta, logo incentivando-os a condenar a fala de outras pessoas também. Ao contrário disso, tudo deve vir atrelado à pragmática, para facilitar a oralidade, o ensino e convivência; a qual os estudantes irão se sentir influenciados a

participarem da aula. Pois, dessa maneira a aula de português fará com que eles sintam-se acolhidos e familiarizados com o conteúdo.

Para que isso possa acontecer é preciso que haja a interação social, assim com essa convivência muitos tipos de variações linguísticas serão apresentados mutuamente, o que poderá ser proveitoso para a aula, logo enriquecendo o conteúdo de forma prática. Além disso, a oralidade aproxima as pessoas, o que poderá ser um ponto positivo, se o aluno aprender a confiar no professor, acabará tendo interesse na aula e conseqüentemente haverá um maior aprendizado por parte desse estudante. Como bem cita Celso Ferrarezi Jr. e Robson S. de Carvalho “Dependemos desses sistemas linguísticos para o desenvolvimento pleno de muitas de nossas potencialidades neurológicas”. (2018, p. 18). O que implica dizer, que o conhecimento e o aprendizado em sala de aula se constroem de forma recíproca, ou seja, é necessário haver uma troca.

Há uma grande razão para se usar a oralidade; o que acontece muitas vezes é que ela de fato é mais rica do que a escrita e a leitura, no entanto, a oralidade se torna desprestigiada por não ser um instrumento de reconhecimento das classes de prestígio, por se tratar de algo que qualquer um pode usar, afinal todas as pessoas já nascem capacitadas para ouvir e falar. Como cita Ferrarezi: “A oralidade ajuda a nos definir quem somos”. (Celso Ferrarezi Jr. e Robson S. de Carvalho, 2018, p. 17). Em outras palavras, significa dizer que “o valor do produto é definido por quem usa”.

Um dos principais papéis da escola deve ser incentivar os alunos a apreciar a diversidade linguística do português, onde a opção que os professores precisam ter em sala para desenvolver suas aulas sejam o texto. Essa seria uma estratégia poderosa e construtiva, pois aqui devem ser apresentados textos orais e escritos, onde abriria a oportunidade não somente para a análise, mas também para as rodas de conversa; onde tanto os alunos como o professor poderiam fazer descobertas sobre a norma padrão culta e as normas regionais.

Esse tipo de aula faz com que o estudante se sinta confortável a falar e se expressar, pois além de ter contato com a linguística que já está acostumado no contexto ao qual vive, também poderá conhecer e explorar outras variedades que vão atrair o seu imaginário e despertar a sua curiosidade para uma maior possibilidade de aprendizado. Nessa parte, seria proveitoso para ambos os lados, pois o professor pode fazer uso de textos que os alunos gostam e conheçam. Além disso, possibilita também, um contato mais amplo com a literatura e obras que

trazem uma linguagem mais culta, assim incentivando a leitura proveitosa que, de forma natural, irá possibilitar a incorporação de uma escrita melhor, bem como a fala, e a leitura também.

### **3 OS DOCUMENTOS OFICIAIS E UM ENSINO PRODUTIVO DA GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Documentos como a BNCC e os PCN trazem o que seria de fundamental valor e importância dentro e fora da sala de aula, pois auxiliam o professor a agir de maneira produtiva, buscando uma melhoria na metodologia do ensino de língua portuguesa afim de tentar oferecer conteúdos mais dinâmicos e interativos, para então possibilitar a construção de uma ponte que possa ofertar um maior aprendizado e desenvolvimento tanto prático, como intelectual e social.

#### **3.1 A LÍNGUA PORTUGUESA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

A língua portuguesa sendo o idioma materno dos brasileiros, e por ser trabalhada nas escolas como uma das principais disciplinas que os professores costumam abordar em sala de aula, não deve apenas permanecer no papel de ter somente as regras gramaticais como foco principal, afim de que as crianças desenvolvam um melhor desempenho na questão escrita e fala, mas ela precisa contribuir para a área social dessas mesmas crianças, enquanto jovens e adultos.

Isso é necessário porque a língua não é algo morto e parado, mas ela está em constante movimento e evolução se desenvolvendo justamente com o convívio social. Com base nisso, a BNCC vem ofertar tanto para os professores como para os alunos; um eixo de como isso pode e deve ocorrer de forma leve, logo existem algumas competências gerais para a educação básica, e uma delas diz o seguinte: “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BRASIL, p. 10). A língua deve ser estudada e apresentada em sala de aula, como uma ponte de conhecimento, mas não só isso, através dessa mesma ponte que traz e leva conhecimentos múltiplos, e ao que diz respeito “regras gramaticais”, precisa passar também a

flexibilidade do ensino de forma dialogada para que esses alunos sejam sujeitos ativos e mais humanos em sociedade.

A escola deve levar em consideração essas questões, porque elas estão recebendo pessoas as quais estão depositando toda a sua confiança no ensino que é ofertado por essas instituições. Os pais estão confiantes de que naquele determinado local seus filhos estão aprendendo conteúdos que vão educar e servir para a vida adulta, porém isso é somente na teoria, porque na prática a coisa é totalmente diferente. Muitas vezes o que ocorre, não é essa tão esperada transformação social, mas o ensino que ali é entregue apenas contribui para inibir o lado crítico e social do estudante, fazendo com que ele tenha vergonha de se expressar e também acabe se esquivando das pessoas e de situações que possam vir a colocá-lo como “protagonista” da história.

Esses fatores têm crescido em algumas escolas brasileiras fruto de uma educação baseada na classe social alta, a elite. No entanto, há duas diferenças aqui: antigamente, esse ensino funcionava porque foi pensado e projetado para atender as necessidades dos alunos da época, porém hoje a demanda é maior, pois o famoso preceptor evoluiu para o professor; e este tem mais alunos e às vezes muitas turmas e séries diferentes para lidar. Logo, é preciso que toda essa situação seja vista de cima, ou seja, é necessário que haja uma mudança nesses planos de ensino, portanto é preciso mudar a metodologia. É conveniente que o ensino da língua materna seja projetado para suprir os objetivos e a meta que os pais esperam alcançar com tudo isso, que é ver seus filhos educados para a vida, o que significa dizer; que eles devem estar prontos para atuar em qualquer situação.

Tanto a BNCC como os PCN conseguem de fato perceber essas lacunas e as necessidades de se usar uma nova abordagem em sala de aula, com o ensino correto da língua portuguesa, para a finalidade de transformar esses alunos em pessoas socialmente ativas. Portanto, a escola e o professor devem levar em consideração que eles estão “moldando” pessoas com o ensino que eles oferecem. É preciso ter em mente, que a escola tem um papel fundamental na vida de cada estudante, no que diz respeito ao crescimento deles enquanto adultos, pois é a partir daí que eles irão decidir e mover suas escolhas para toda a vida.

O ensino do português é muito importante dentro da escola, pois a língua materna é tão necessária e abrangente que por meio dela, pode-se abordar diversas temáticas, inclusive sociais, tudo através do uso de textos e diálogos. O que seria

uma porta para trabalhar em cima da ideia de transformar esses alunos em pessoas ativas socialmente, pois o professor tem um leque de opções para colocar em ação as competências gerais apresentadas pela BNCC. Nessas aulas, por exemplo, ele poderia fazer uso de filmes, músicas, textos e seguir movendo a aula pela oralidade, ou seja, com base em diálogos, rodas de conversas, e tudo isso, de acordo com o assunto que ele estivesse apresentando.

Seria então possível abrir outra porta para envolver os alunos de forma ativa com assuntos e coisas que eles pudessem ter interesse, como séries, livros etc... logo, é importante para mostrar o papel de cada coisa em sociedade, a importância disso e o mover da língua oralmente e ativamente, assim o professor preencheria as lacunas deixadas por fatores anteriores, promovendo um maior desempenho cognitivo para todos, pois exigiria mais do docente para pensar e preparar uma aula desse nível e também exigiria mais do aluno que iria estar mais envolvido e conseqüentemente pensando e analisando cada pequena possibilidade dessas.

Visto que tudo isso de fato vai gerar algo, seja positivo ou negativo, é preciso entender ambos os lados. A BNCC se coloca à frente das escolas como a “base” que de fato ela é, trazendo opções que vão estar de acordo com as necessidades dos alunos, soluções essas que vão atuar no que diz respeito “formação do ser humano”. Porém, a realidade em muitas escolas brasileiras é um pouco diferenciada daquilo que está presente no documento da *Base Nacional Comum Curricular*, porque alguns professores acabam fugindo disso em sala de aula, podendo existir vários fatores para que isso aconteça.

Então, na prática pode ocorrer que em alguns casos os coordenadores acabem se colocando um pouco à frente e ditando como o docente deve agir durante as aulas, o que acaba interferindo na formação dos estudantes, gerando conseqüências negativas, pois somente o professor que está todos os dias em sala, saberá que tipos de necessidades têm os seus alunos. Outro ponto a ser observado negativamente é se o docente não está se apoiando na gramática de forma excessiva, ou seja, jogando as regras de maneira aleatória e de qualquer jeito sem ao menos planejar bem a aula e sem fazer uso da BNCC.

Mas, na verdade é isso o que ocorre na maioria das escolas, talvez o planejamento dessas aulas acabe sendo algo raso, ao qual pode gerar algo positivo para apenas um lado. No entanto, é preciso observar quais fatores estão envolvidos por trás e os motivos pelos quais isso acaba acontecendo, porque as vezes nem



sempre é culpa do professor, podem existir várias causas que contribuem para isso, e uma delas pode ser a falta de conhecimento em como utilizar os meios tecnológicos ao seu favor por exemplo.

Quando essa negligência ocorre de maneira consciente resulta em graves consequências, pois ao fazer uso dessas diretrizes curriculares as aulas vão contemplar todas aquelas habilidades que são apresentadas em cada uma daquelas competências, o que acaba transformando os estudantes através do processo da cognição, logo cada uma delas vai moldar a personalidade deles socialmente. O que ocorre é uma mobilização do conhecimento de forma prática, no entanto, se isso é excluído e se a aula não oferece nada ao qual se possa tirar proveito, que tipo de habilidades esses alunos irão desenvolver e aprender nessas aulas que de fato são vagas e não possuem conteúdo algum? A resposta é simples: NADA! Ao fazer a exclusão dessas estratégias uma série de habilidades que poderiam ser trabalhadas são facilmente descartadas, gerando assim, consequências negativas, pois os discentes vão perder por não desenvolverem nenhuma forma de: comunicação, pensamento crítico e muito menos criatividade.

Por outro lado, é preciso que as escolas vejam as aulas de língua portuguesa de maneira ampla, isto é, de forma que não sejam apenas resumidas em regras que corrigem o falar dos alunos, gerando e incentivando o preconceito linguístico, mas que sejam vistas como a oportunidade perfeita de usar a língua materna como uma ferramenta de transformação social, ou seja, utilizando-a de maneira positiva e enxergando as vastas opções que as aulas de português oferecem para as noções práticas e usuais da língua de forma ativa.

Dessa maneira, quando o ensino do português abre espaço para todas aquelas competências da BNCC, de modo que tanto a escola como o docente tenham o interesse voltado para o aprendizado e desenvolvimento dos alunos, o planejamento dessas exposições devem ser voltados à formação prática e complexa das demandas da vida no que diz respeito ao cotidiano desses jovens, ou seja, é preciso contribuir para a realização da superação das lacunas deixadas pelo ensino da gramática de forma robotizada e mecânica, pois essa estratégia antiga ao invés de gerar consequências positivas faz com que seja retardado o processo da ampliação do desenvolvimento das habilidades.

Em contrapartida, quando o português é unido a criatividade do professor em trabalhar de fato cada uma das técnicas em sala de aula, os resultados tendem a ser

positivos e significantes, pois os estudantes estarão em contato com o uso e o ensino correto da língua portuguesa na prática, de modo que, a oralidade será trabalhada por meio de várias situações, sejam elas através de filmes, músicas, textos, teatro... É claro que, quando isso ocorre os discentes acabam adquirindo as habilidades necessárias que contribuem para a formação humana, sendo elas: a capacidade de comunicação, o pensamento crítico, criatividade, resiliência, colaboração, dentre outras.

Por estas razões, a língua portuguesa não deve ser vista e usada apenas como uma “arma” que humilha e corrige as pessoas de maneira que possa diminuir sua bagagem linguística, no entanto, ela deve ser observada e utilizada como instrumento que empregado corretamente, forma e transforma as pessoas socialmente de modo que elas possam atuar como sujeitos ativos em comunidade, que desenvolvem trabalhos complexos e abarcam habilidades distintas.

### **3.2 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Como já foi abordado anteriormente a metodologia utilizada pelos preceptores atendia apenas as necessidades de uma época. Porém, os séculos e as circunstâncias mudaram, mas a metodologia permaneceu, no entanto, não oferece mais os mesmos resultados que antes, já que as regras gramaticais eram dominadas pela elite facilmente, pois eles não faziam uso da variação linguística, e era esse detalhe que fazia a diferença, pois eles utilizavam a gramática normativa naturalmente, ou seja, era algo que o contexto social deles permitia.

Sendo assim, atualmente isso acaba se tornando um problema e os métodos pedagógicos já não agregam mais, entretanto ocorre o contrário disso, eles apenas retardam o aprendizado. E isso é um fator visível tanto nas escolas públicas quanto nas redes privadas, pois a língua portuguesa é um idioma mestiço, portanto não há quem não tenha convívio com a variação linguística nos dias de hoje. Dessa forma, é notável que em ambos os ambientes existam pessoas que fazem uso de diversas variações e dialetos. Não dá para excluir algo tão comum no dia a dia do brasileiro, pois até mesmo por meio das mídias sociais existe o contato com esse lado linguístico do português que é tão difamado e atacado por pessoas que não possuem conhecimento na área.

Então, esse método de ensino da língua portuguesa não move esses alunos a desenvolverem certas capacidades, conseqüentemente, abre portas para o incentivo ao preconceito linguístico entre os discentes, pois se o professor costuma fazer uso de livros que tem a didática voltada para a correção gramatical, mesmo que ele faça uso do texto, mas ainda assim procure apontar e corrigir erros de gramática isso reforça nos educandos qual seria o jeito certo e o errado de falar, e isso em todas as situações e contextos. Logo, esses alunos que “aprenderam” que é errado usar determinados dialetos e variações vão acabar corrigindo seus próprios colegas, mesmo estando dentro de um contexto que permita a ocorrência da variação, e esse comportamento resulta no preconceito linguístico o que acaba sendo uma consequência dessa metodologia errada. Além dessa sequela surgem outras, como por exemplo: o silenciamento e a timidez do estudante no que diz respeito a fala, já que provavelmente vai aceitar a ideia de que “não sabe falar”, o resultado disso é que ele acabará matando a sua oralidade socialmente por medo de ser ridicularizado pelas pessoas.

Esses efeitos negativos são decorrentes de uma metodologia ultrapassada e que não possui nenhum objetivo, da mesma forma, se esses pontos inconvenientes não forem tratados a tempo, nas primeiras séries da educação básica, eles poderão se agravar, ou seja, poderão ser refletidos futuramente. E caso isso chegue a acontecer, então essas pessoas provavelmente serão cidadãos frustrados com uma vida medíocre, realizando um trabalho comum, ganhando apenas um salário mínimo, ou talvez nem isso, e reclamando da vida acreditando que a culpa está sobre si por não ter dado mais valor ao estudo, logo imaginando que se tivesse perdido mais tempo aprendendo diversas regras gramaticais hoje a realidade poderia ser diferente.

Mas, de fato isso é apenas uma ilusão do sistema que acaba sempre como uma fita que fica no *loop* infinito. Esses mesmos adultos que acreditam nessa falsa ideia colocam a mesma coisa na cabeça dos filhos, assim mandando-os para a escola e exigindo que o professor ensine “português” e que faça uso exclusivo do livro didático, como se apenas esses 10% representassem a língua portuguesa que é mais do que gramática. Perdendo então o uso e o valor da oralidade que está na cultura, história, arte etc... E onde será que ficam esses 80% se o ensino da língua materna é resumido apenas em regras que vão apenas impedir o crescimento intelectual e puxar esses estudantes para baixo?

O resultado será o mesmo, apenas deixando-os na linha média do sistema de ensino. Dessa forma, a oralidade é banalizada, bem como outras práticas linguísticas que se atribuídas vão então contribuir para a oralidade, que são o uso de músicas, narrativas ou livros; meios aos quais agregam e cooperam com todo um conjunto que deve formar essa linguagem real, que está na tradição, cultura e história. Não há como negar que essas velhas crenças de ensino, na maioria das vezes, são frutos das negligências, podendo ser algo proposital para que poucas pessoas na sociedade possam de fato ter uma chance mínima de crescer positivamente em sociedade tendo um bom emprego e também sendo um ser humano pensante, que seja capaz de discernir sobre coisas que muitas vezes o estado quer “maquiar” para manter as pessoas de baixo índice de escolaridade no mesmo nível ou bem abaixo do comum, o que é algo notável.

Essas mesmas pessoas não serão capazes de desenvolver habilidades necessárias para realizar funções intelectuais que possam gerar para si uma boa condição de vida, logo também serão incapazes de se manifestarem oralmente, e então irão acabar desistindo de aprender, já que certamente o estudo será visto como uma barreira que somente pessoas com certo “dom”, seja intelectual ou social, poderão ser capazes de chegar a um nível considerável. Sendo assim, perdendo oportunidades de crescer socialmente e racionalmente.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) agem justamente para ajudar nesses problemas, é um auxílio que a escola tem para assim compor a sua grade curricular. Eles afirmam que:

A orientação proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais reconhece a importância da participação construtiva do aluno e, ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo. (PCN, 1997, p. 33).

Dessa maneira, não dá para continuar utilizando esse mesmo método de ensino, pois nele não contempla essa participação construtiva do aluno e muito menos abre um leque de opções necessárias para que haja o desenvolvimento de capacidades fundamentais para a formação do discente. No entanto, é preciso que esse ensino seja voltado para o que é importante: o estudante. Logo, toda a

metodologia deve ser pensada e planejada para oferecer qualidade para assim gerar uma boa aprendizagem.

Isso deve acontecer para que esses jovens possam atingir a fase adulta tendo consciência do papel essencial deles em sociedade, logo eles devem ter em mente que precisarão aprender a enfrentar situações distintas de maneira reflexiva, e esses cenários devem se apresentar de uma forma que esses estudantes precisarão se utilizar dessas experiências e habilidades que foram adquiridas na escola por meio de um ensino que precisa gerar justamente esses frutos. Mas para que isso ocorra, é preciso que a princípio haja interesse por parte deles, é necessário existir uma conexão que abra espaço para suscitar o interesse dos alunos.

Os PCN dizem que o professor deve atuar como um guia nesse processo, a fim de facilitar tanto a busca pelo conhecimento por parte desses jovens, como também a abertura para novos meios de enxergar as coisas, isso irá apoiar e gerar a expansão de novas ideias, convívio e o diálogo em sala de aula. Aliás, isso será algo positivo, pois estará desenvolvendo capacidades e as habilidades intelectuais dos educandos. Esse processo acontecerá naturalmente por meio da cognição, e atuará de forma que também irá desenvolver outras áreas e habilidades, como por exemplo a socioemocional.

Logo, as propostas pedagógicas que precisam ser adotadas pelas escolas e também pelos professores devem ter o aluno como foco, onde eles precisarão ser vistos como pessoas que precisam ser formadas para atuar futuramente e viver a cidadania de forma ativa, e para que isso possa acontecer de maneira positiva, a didática deve se adequar as necessidades sociais e também culturais desses jovens, para assim garantir que eles possam desenvolver ao longo desse período de estudos uma série de habilidades como: autonomia, criticidade e responsabilidade. Essas aulas devem englobar métodos que levem esses estudantes a terem domínio tanto da fala como da escrita, o que deve acontecer naturalmente por meio do cultivo e do incentivo à leitura, sendo assim isso deve acabar gerando uma consequência positiva, que seria a percepção do mundo, a qual só poderá ser adquirida por parte das mensagens que se fazem presentes nos textos com temáticas diversas e com diferentes tipos de dialetos, além disso, essa percepção inclusive será refletida na educação.

Já o uso do texto ampliará a competência discursiva dos alunos, desse modo tornando a gramática um objeto relativo ao conhecimento que o falante tem de sua

linguagem, onde a língua portuguesa deve corresponder a atividades onde o discurso é o foco, ou seja, atividades que envolvem prática e leitura: textos orais, escritos e, lógico, a produção textual dos mesmos. A variação linguística deve estar presente também como prática pedagógica, é preciso que ela seja apresentada a fim de realizar o desenvolvimento intelectual linguístico dos alunos para assim ampliar tanto padrões próximos da escrita como também registros orais da competência discursiva. Tudo isso deve ser utilizado para o uso efetivo da linguagem para atender a demandas sociais, ampliação do léxico, redes semânticas, sistemas cognitivos, explicação e criticidade da realidade.

Ferrarezi (2014) faz uso dos PCN para defender essas ideias, onde ele aponta que esse ensino da língua materna deve ser mais do que a gramática, é preciso uma abordagem contextualizada, pois a função da escola é trabalhar para desenvolver as quatro habilidades fundamentais da comunicação. Ele diz que o “fato é que o padrão da língua não se aprende pela repetição das regras gramaticais”. (2014, p. 57). Com base nisso, os PCN têm interesse em discutir esse padrão de ensino na escola, que deve ser uma base de saberes linguísticos, que são formados a partir das séries iniciais e que vão contribuir para a plenitude do desenvolvimento de todas essas questões.

Portanto, é visível que existem lacunas no ensino de língua portuguesa, em relação à formação social dos jovens, e para que essa realidade seja mudada seria favorável se houvesse, por parte de todas as instituições, essa aplicação de metodologia que tanto a BNCC como os PCN oferecem. Autores como Ferrarezi e Carvalho (2018) também concordam com esses dois documentos, o que diz respeito ao uso insubstituível da língua como uma forma de relacionamento, e para isso é preciso deixá-los livres para se comunicar. Porém, tudo isso não deve somente existir na teoria, mas também na prática, pois esse sistema de ensino e esses métodos pedagógicos favorecem o exercício das habilidades que são necessárias para a vida em sociedade e são justamente essas técnicas dinamizadas que farão com que todas essas habilidades sejam desenvolvidas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao observar todo esse cenário que envolve as aulas de língua portuguesa, e também o problema que acabou crescendo devido aos equívocos em relação ao

ensino da língua focado na gramática normativa, verificou-se que é de fundamental importância saber pesar cada uma dessas questões, e distribuir o papel de todas elas baseado nas necessidades apresentadas pelos alunos. Não dá apenas para focar a aula de língua materna só na gramática e excluir todo o resto como se a língua fosse resumida a isso, da mesma forma que não dá para negar a existência das variações linguísticas.

O objetivo desse trabalho foi apresentar reflexões teóricas e metodológicas para o ensino da oralidade como prática social discursiva, utilizando-se da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, para analisar livros e periódicos, então por meio de leitura e comparação esse objetivo foi alcançado. O problema foi respondido no desenvolver da pesquisa ao apontar situações e discorrer sobre cada uma delas, seja de forma positiva ou negativa. Também puderam ser alcançadas outras metas como a discussão a partir das consequências geradas por um ensino de língua portuguesa centrado nas normas gramaticais, pois a meta é oferecer um ensino de boa qualidade ao qual possam ser formados ali cidadãos que sejam capazes de viver em sociedade e de resolver as mais complexas situações que possam vir a se apresentar para cada um deles.

Depois apresenta-se a questão da argumentação acerca do ensino da oralidade baseada no uso real da língua, onde pôde ser destacada a partir das evidências discutidas sobre como as aulas de língua materna precisam ter o foco voltado ao fator linguístico que se encontra no texto, ou seja, para que os alunos possam atingir uma noção maior da língua e ter contato com as variações linguísticas. Em seguida, elencou-se a necessidade de expor reflexões acerca do ensino da oralidade como prática social discursiva, e foi atendida, pois esse é um ponto que revela o exercício oral como sendo necessário para contemplar e desenvolver habilidades que são requisitos para a vida em sociedade de forma ativa, para que os estudantes sejam capazes de resolver as mais complexas situações que possam vir a se apresentar para cada um deles. Para isso, é importante que seja cultivada a comunicação em sala, onde a oralidade precisa estar sendo trabalhada constantemente.

Os resultados que puderam ser obtidos a partir dessa pesquisa foram observados e confirmados a partir dos objetivos alcançados. Logo, pode-se considerar que as respostas para esse trabalho são centradas nos seguintes argumentos: quando a oralidade é exercida em sala de aula há um desenvolvimento

do estudante no que diz respeito ao aprendizado da língua materna para então atender as exigências da vida em sociedade, e quando o ensino de língua portuguesa é trabalhado de maneira consciente são fortalecidas habilidades como: ouvir, falar, ler e escrever.

Sendo assim, a escola estará apresentando para esses jovens, o que de fato é a língua que eles usam para se comunicar, pois ela não é somente regras, mas sim, representa a identidade de cada um com suas muitas variações, e se expressar é a melhor maneira de ter contato com a língua. Essas argumentações são contribuições positivas e reflexivas tanto para professores em atividade, quanto para os que estão na graduação ou pessoas que almejam exercer essa profissão, pois ser professor não é somente ensinar, mas é lidar com o ser humano, de forma a construir uma ponte para o aprendizado e educar por meio do conhecimento que possui, isso significa levar o outro em consideração e vê a situação dele como alguém que precisa se desenvolver para viver em sociedade e desempenhar a comunicação de forma ativa e respeitosa.

Houveram algumas limitações para que esse trabalho fosse realizado, de modo que o tempo para um melhor desenvolvimento foi curto, dessa maneira, dificultando o estudo e a busca por mais evidências que pudessem fortalecer e ampliar os fatos aqui apontados. No entanto, mesmo com essas barreiras, os objetivos propostos puderam ser delimitados e alcançados. Caso, haja outros interesses por pesquisas nessa área, além das referências aqui utilizadas e citadas, existem outras fontes teóricas como: Bakhtin (1929), Celso Pedro Luft (1985) e Marcuschi (1997) que também abordam questões como a oralidade, a língua e o ensino. Por fim, mesmo que a análise tenha cumprido o objetivo para este momento, outras investigações sobre o tema ainda podem ser desenvolvidas com a finalidade de ampliar a pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola, 2007.



BAGNO, Marcos, **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2022.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

CARVALHO. Robson Santos de, FERRAREZI JÚNIOR. Celso, **Oralidade na Educação Básica**: O que saber/ Como ensinar. 2010. 1ª ed. – São Paulo – Parábola 2018.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.